

## **A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento**

Keila de Quadros Schermack (Mestranda em Letras/ UPF)

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que a imaginação e a fantasia são bases para um pensamento criador, sendo a contação de histórias uma das mais antigas artes ligadas à essência humana, este estudo abordará a arte de contar histórias como um ato performático, com o objetivo mostrar a importância do suporte digital como recurso a constituir a performance do narrador, bem como evidenciar que a narração ao vivo possui características de tempo presente, marcadas pela simultaneidade das ações do contador e das reações dos ouvintes, permitindo a interação entre ambos. Para isso, temos como fundamentação teórica os estudos desenvolvidos por Benjamin (1985), Busatto (2003/2006) e Sisto (2005), com apoio em Weschenfelder (2009) e Dantas (2010). Na performance do narrador, contadores de histórias e ouvintes compartilham experiências únicas em um tempo absoluto marcado pela cumplicidade, que somente a narração oral/presencial pode proporcionar. A arte de contar histórias é concebida como referência de criação de espaços de encantamento, visto que o desenvolvimento das pessoas passa pelo crescimento emocional e pelo estabelecimento de regras de convivência.

**Palavras-chave:** Contação de histórias; cibercultura; performance; interação.

### **Introdução**

A contação de histórias é uma das mais antigas artes ligadas à essência humana. No passado, ela expressava e corporificava o mundo simbólico pelo uso das palavras e dos gestos para um conjunto de ouvintes da família ou da aldeia. O contador de histórias tinha uma grande importância social e cultural, visto que detinha as experiências e a sabedoria de sua época: trabalhava com a construção oral coletiva que se fundamentava na identidade cultural de seu povo. Assim entendido, antes da escrita, os saberes da humanidade eram transmitidos por meio da oralidade e, à medida que o falar tornou-se insuficiente para expressar e manifestar a cultura de uma sociedade, o homem começou a pensar em materiais palpáveis que organizassem o conhecimento adquirido, isto é, a escrita. Dessa forma, a oralidade materializou-se trazendo consigo a necessidade da leitura em um determinado suporte, decorrendo que as histórias foram narradas a partir de um texto escrito, causando impacto positivo entre os ouvintes, posto que a qualidade dos escritos era melhor elaborada e a multiplicidade dos textos tornou-se mais socializada.

No entendimento de Busatto (2003):

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a

campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias (BUSATTO, 2003: 20).

Considerando que a arte de contar histórias se constitui em um ritual muito antigo, os líderes organizavam rituais noturnos em torno de uma fogueira, onde crianças, jovens e adultos ouviam histórias contadas por sábios e comunicativos feiticeiros, os quais detinham a sabedoria a ser transmitida para essas gerações. As histórias narradas oralmente buscavam o entendimento dos mistérios que envolviam a natureza, como o surgimento do céu e da terra, o aparecimento e o desaparecimento da lua, a origem do dia e da noite, a criação dos homens, como o Gênesis, por exemplo.

Esses contadores de histórias da antiguidade, chamados de *aedos* pelos gregos, utilizavam basicamente o recurso da palavra falada, reunindo multidões que se identificavam e se encantavam com suas sábias narrativas, como é o caso de Jesus Cristo: “Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se a beira mar; e grandes multidões se reuniram perto dele, [...] E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear” (MATHEUS 13: 1-3).

Contar histórias nos faz reviver o tempo no qual as multidões se reuniam para ouvir histórias ao redor dos narradores da antiguidade, trocando experiências de forma coletiva. Nas palavras de Meireles (1979: 41), “o ofício de contar histórias é remoto [...] e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida”.

Durante o ato performático, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvinte, trazendo a tona todo o conhecimento de mundo, bagagem cultural e afetiva, contribuindo assim, com a formação da identidade dos indivíduos.

O Século XXI impõe novas formas de acesso ao conhecimento para além da palavra dita. O ato de leitura encontra-se atrelado a essa evolução tecnológica que abrange a sociedade, pois a internet marca presença em todas as áreas do conhecimento, constituindo-se como uma ferramenta essencial, tanto no processo de comunicação, quanto na formação de leitores.

Vive-se, portanto, um cotidiano tecnológico composto de imagens eletrônicas e virtualidades, tanto que a realidade é reconfigurada através da interatividade do espaço virtual. A narração oral, com seus “enunciadores da antiguidade”, divide e soma espaço com as novas tecnologias de comunicação e entretenimento através do computador, internet, CD-ROM, DVD-ROM, e-book, etc.

O linguista e filólogo Benjamin (1985) considera que a narração de histórias está com os dias contados, posto que as novas tecnologias estariam substituindo a narração oral, uma prática exercida, até então, por viajantes e camponeses. Afirma que a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Nesse contexto, partiremos dos seguintes questionamentos: A arte de narrar histórias está se extinguindo devido ao avanço das modernas tecnologias? Qual é a importância da contação de histórias em performance na era digital?

Nesse sentido, o estudo tem por objetivo principal evidenciar a importância do conhecimento transmitido através da oralidade, na performance do contador de histórias, a fim de recompor o valor das experiências construídas coletivamente, através da convivência em espaços de encantamento. Além disso, mostraremos que o suporte digital constitui-se num recurso para a contação de histórias em tempos de cibercultura, para confirmar a importância da figura do contador de histórias, o qual se apropria dos recursos tecnológicos com vistas à formação de múltiplos leitores.

A contação de histórias permite a interação entre contador e ouvintes, já que contar histórias é arte performática. Quando a plateia deixa sua imaginação ser levada pela história, materializada no corpo e na voz do narrador, o ato performático se consolida.

A escolha da temática reside num reconhecimento pessoal, enquanto educadores e mediadores de leitura, dada a importância do contato com os ouvintes através da performance do narrador, não obstante a presença dos suportes tecnológicos, levando em conta a utilização das novas tecnologias à contação de histórias. A contação de histórias constitui a antessala no processo de formação do leitor, porque não é um tempo de viajantes e camponeses, mas o tempo de cibercultura, que se apropria das novas tecnologias, sem dispensar o uso da voz do cibercontador.

Para o desenvolvimento desse estudo, explicitaremos aspectos relevantes acerca da contação de histórias como arte performática, que estarão distribuídos em três seções respectivamente. Na primeira, intitulada “Performance: a cumplicidade entre contadores de histórias e ouvintes”, abordaremos a performance do narrador como fator que propicia a interação entre os contadores e a plateia. A segunda seção, será reservada para “A arte de contar histórias na era digital: o ciberespaço e os novos recursos para a narração oral presencial”, na qual enfatizaremos a união entre a contação de histórias em performance e o suporte digital, com vistas a formar leitores midiáticos. Na última seção, daremos enfoque à Formação de leitores no século XXI, mostrando a importância da figura do cibercontador como um mediador de leitura.

## 1 Performance: a cumplicidade entre contadores de histórias e ouvintes

Em *Performance, recepção e leitura*, Zumthor (2000) apresenta três possibilidades de performance do contador de histórias: a performance com audição acompanhada de uma visão global da situação de enunciação; a performance com ausência de um elemento de mediação (como o CD-ROM ou imagens projetadas no computador, por exemplo); e aquela realizada através da leitura solitária e visual (leitura de um livro). Para esse estudo, vamos nos ater na primeira proposta de performance, por acreditarmos que ela permite a interação efetiva entre narradores e ouvintes, permitindo a participação de ambos na história.

Nesse momento, é mister direcionar a reflexão para um aspecto muito importante da obra de Busatto (2006), que concebe a narração enquanto arte que acontece ao vivo, com uma característica de tempo presente, marcada pela simultaneidade das ações do narrador e das reações dos ouvintes. Nas palavras de Busatto (2006: 96-97), “emissor e receptor são envolvidos pela atmosfera de cumplicidade”.

Na performance do narrador ao vivo, há um tempo presente num corpo presente, constituído de intenção, atenção, tensão que se atualiza a cada instante e se perpetua na memória dos participantes”. Assim entendido, narrador e ouvintes compartilham experiências únicas em um tempo absoluto marcado pela cumplicidade das ações, que somente a narração oral/presencial pode proporcionar.

Contar histórias é arte performática, na qual se busca compartilhar vivências através da voz, do corpo e dos gestos. Assim, conforme afirma Zumthor (2000), o corpo é o ponto de partida e o referente do discurso. A performance faz parte do instante da enunciação. O contador de histórias só pode falar num momento exato, marcado pelo presente da sua fala. “Performance [...] refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata” (ZUMTHOR, 2000: 61). Por isso, a arte de narrar histórias requer alguns cuidados.

De acordo com Sisto (2004: 01),

Fazer nascer uma história não é uma tarefa fácil ou simples. E depende tanto de quem conta quanto de quem ouve. E todo “nascimento” deve vir cercado de cuidados: o local (que deve ser apropriado); o momento (que deve ser “exato”); os gestos e movimentos (que exigem uma enorme precisão!); as palavras (que vão “desenhando” um mundo novo), a voz (que deve convidar à proximidade, ao querer estar e ao querer ficar!). Afinal, trazer qualquer coisa ao mundo é sim um enorme ato de responsabilidade.

Sisto (2004) explica que fazer nascer uma história não é uma tarefa fácil ou simples. E depende tanto do narrador quanto dos ouvintes. O nascimento de uma história precisa estar cercado de cuidados, os quais garantirão o sucesso da performance do contador de histórias: o local deve ser apropriado; o momento deve ser exato; os gestos e movimentos que exigem uma enorme precisão, precisam ser bem elaborados; a escolha adequada das palavras que desenham um “mundo novo”; a voz deve convidar a plateia à proximidade.

Para se consolidarem como contadores de histórias, os narradores necessitam do olhar da plateia, com um ouvinte atento e apto a ter sua memória preenchida pelo encantamento das palavras, pois a performance constitui-se pela interação constante entre ambos. É nesse momento que o contador entra em sintonia com a plateia.

Durante a performance do contador de histórias, estabelece-se uma troca de experiências/vivências. O ato de contar histórias constitui uma experiência única e renovada constantemente, pois mesmo que a história seja narrada diversas vezes, trata-se de uma enunciação nova marcada pelo tempo presente e pela cumplicidade entre contadores e ouvintes. Podemos dizer que, a cada narração, o contador nos contempla com uma história diferente.

No entanto, convém destacar que esse momento único torna-se uma experiência coletiva sempre que o contador empresta corpo, gestos e voz para dar vida às narrativas. O anúncio de uma história provoca expectativa nos ouvintes. Enquanto a plateia espera, está concentrada ali uma promessa de alegria e prazer, principalmente, a alegria de testemunhar e participar desse instante “sagrado”.

O prazer de ser transportado, de forma cuidadosa, a diferentes mundos através das palavras que adquirem “corpo”, torna-se um momento único, possibilitando a interação, o qual não pode ser desperdiçado. Nas palavras de Sisto (2004: 01), “esse momento é único e quando desperdiçado lança para além a possibilidade de uma verdadeira interação. Interação como troca de ‘inteirezas’, entre narrador e ouvinte”. O indivíduo que participa da contação é cúmplice do contador, vivenciando a história narrada.

Quando o contador de histórias suspende o tempo, falando com uma linguagem diferente da linguagem cotidiana, estimula a nossa imaginação, e por isso, conquista o reconhecimento da plateia. Mas só se conquista os ouvintes através de um ato performático carregado de emoção sincera (verdade), entrega e amor.

Contar uma história é sempre o “revelar de um segredo”. Os ouvintes ingressam na intimidade do narrador, tornando-se depositários dos mistérios e dos saberes que uma história carrega. Não se trata de um saber informativo apenas, mas poético, na base do simbólico, com

uma estética que se concretiza na medida em que a performance se desenvolve. Enquanto o contador ordena as informações, através das escolhas linguísticas que realiza, o interesse do ouvinte vai sendo despertado. O que está sendo dito pelo narrador, de forma gradativa, vai aproximando-o da plateia.

Mas para que haja a interação, contador e ouvinte precisam estar disponíveis. E novamente o mistério se instaura: é o inesperado mediado pelo simbólico que serve de elo entre o contador e o ouvinte. Nas palavras de Sisto (2004: 03), “É como dizer: ‘fecha os olhos e vem!’. Mas para chegar a fechar os olhos é preciso confiança, afeto, amorosidade. Fechar os olhos e ir é só o começo da jornada”. É essa relação de confiança que o ouvinte almeja. Que o contador de histórias o ajude a ver, assumindo publicamente esse papel de intermediário entre o mundo real e o imaginário.

A recepção de um texto oral não se dá da mesma forma que a de um texto escrito. O ouvinte é também espectador, que recebe a história com a sua percepção conforme aquilo que o narrador é capaz de projetar durante a performance. Além disso, narrar significa instância única, na qual não dá para voltar atrás, interromper ou repetir, como se faz com a escrita. O texto oral não disponibiliza tudo pronto para o ouvinte, por isso ele adquire uma função ativa na contação, preenchendo os vazios que a narração vai deixando. Essa é sua tarefa, mesmo que ele não tenha plena consciência disso. Precisa ligar mensagens (unir), a fim de atribuir sentido ao que o contador de histórias está narrando.

Nas palavras de Sisto (2004),

Ser ouvinte de uma história é assumir uma condição especial. Especial se considerarmos que este é também um momento de revelação. E o que ouvinte espera, do narrador, neste momento, é que haja entre eles uma correspondência direta de emoções e sensações (SISTO, 2004: 03).

O ouvinte quer se encantar com a história e esquecer-se, temporariamente, de tudo e fazer parte do território da fantasia, imaginário, etc. Um espaço construído no momento em que a história aparece como um fluxo, mas que fatalmente se extinguirá quando a história acabar. Mas isso não significa que a história não possa deixar “marcas” positivas nos ouvintes, pois a troca de emoções e sensações entre narradores e plateia, além de consolidar o ato performático, transporta-nos para outros lugares e para outros tempos.

O vínculo que se estabelece entre contador e ouvinte é extremamente frágil e precisa ser renovado, por isso o ouvinte tem que ser conquistado a cada instante. Renovar para manter estreitos os “laços”. Isso tem de estar previsto na performance, na forma de contar a história e no texto (mesmo que oral). “O efeito que a companhia pode instaurar: contador e ouvinte lado

a lado no caminho da história. A visita guiada que fazem à história é certamente inesquecível! E provar de tudo isso, de forma harmônica, é muito bom!” (SISTO, 2004: 04). O estranhamento que uma palavra ou um gesto novo pode provocar e o rumo inesperado que as ações da narrativa podem tomar, mantém a plateia de olhos atentos.

O contador de histórias também é atingido pela felicidade do compartilhar, comprovando assim, que contar incita mudanças na nossa maneira de olhar o mundo. O encontro do real com o imaginário fortalece o ouvinte para enfrentar as condições de sua existência, levando-o a reconhecer a sua própria vida através das experiências vivenciadas com as histórias.

Assim, a inter-relação entre realidade e fantasia, a cumplicidade de contadores e ouvintes faz surgir espaços de encantamento. O recordar e viver de novo uma história desloca o individual para o coletivo.

## **2 A arte de contar histórias na era digital: o ciberespaço e os novos recursos para a narração oral presencial**

Partindo da ideia de que a imaginação e a fantasia são bases para um pensamento criador, Dantas (2010) ressalta que ao lidar com essas variáveis subjetivas, a arte de contar histórias é vista como referência de criação de espaços de encantamento. Nesse sentido, este autor nos faz refletir quanto ao fato de que o desenvolvimento das pessoas (processos racionais e lógicos) passa pelo crescimento emocional e pelo estabelecimento de regras de convivência. Quando nos permitimos à vivência nesses mundos de encantamento, esses aspectos cognitivos são aprimorados. Nas palavras de Dantas (2010: 01),

Há muito é sabido do prazer que é sentar em roda e ouvir uma gostosa história. O sabor remonta a passados longínquos e, apesar das inovações tecnológicas, é sempre com renovado anseio e deleite que nos dispomos a ouvir uma história. Todos nós, adultos e crianças.

Dessa forma, o autor nos leva a crer que a arte de contar e ouvir histórias está mais viva do que nunca. Apesar das inovações tecnológicas, o prazer do contato com as histórias através da narração oral presencial nunca será substituído.

Nesse sentido, Sisto (2005) corrobora com Dantas (2010) ao destacar que a história a ser contada precisa contemplar um espaço lúdico, sem levar em conta o didatismo e a lição de moral: “mas quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar um outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento”

(SISTO, 2005: 03). Assim, a arte de contar histórias no século XXI, envolve o resgate da ludicidade, sem a qual não há lugar para espaços de encantamento e desenvolvimento de pessoas.

A contação de histórias, no início do século XXI, envolve um encontro entre a narração oral tradicional e o suporte digital na medida em que a tecnologia informatizada (a luz da tela do computador) traz a necessidade do uso de novos suportes para concretizar uma das artes mais antigas: a contação de histórias. A facilidade com que os jovens manipulam o computador sugere que se considere a linguagem do meio digital (como por exemplo, os hipertextos, imagens coloridas, músicas, vídeos, etc.) como um instrumento importante no contexto educacional, principalmente para a formação de leitores críticos.

Nessa nova perspectiva, Weschenfelder (2003) ensina que:

Ler, escrever e contar histórias na era do terceiro pólo do espírito humano- o pólo informático-midiático- pressupõe que o binômio professor-escola adote posturas teórico-pragmáticas que valorizem a inteligência coletiva, a polifonia, a interdisciplinaridade e a intertextualidade, posto que os novos atores da comunicação, agora ligados aos neurônios digitais, já dividem o mesmo hipertexto numa situação inédita de interatividade e receptividade, onde todas as formas de vozes produzem o megatexto, produto de um empreendimento coletivo. (WESCHENFELDER, 2003: 37).

Os mediadores de leitura precisam levar em conta os novos atores da comunicação ao organizar as atividades em prol da formação de leitores, valorizando a inteligência da coletividade, as diversas “vozes” presentes nos discursos, a interdisciplinaridade e a intertextualidade estabelecida entre os textos e os possíveis leitores. Para isso, promover a leitura e a escrita pressupõe também o ato de ensinar a ler e a escrever unindo a ludicidade e os novos suportes tecnológicos.

Um dos pré-requisitos com vistas ao estímulo ao pelo gosto da leitura é suscitar a fantasia e promover o conhecimento através do despertar da curiosidade. Nessa ótica, a contação de histórias torna-se um recurso importante num espaço onde a presença da virtualidade, tanto no âmbito social quanto educacional, traz a necessidade de unir a narração oral (tradição) com novas linguagens (modernidade/meio digital).

Abordar a arte de contar histórias na era digital implica uma mudança nas perspectivas de aprendizagem, pois há que considerar que, desde o início do século XXI, crianças e jovens encontram-se envolvidos num imaginário construído pelas novas tecnologias, cujas produções culturais chegam até eles através do computador: Internet, DVD-ROM, CD-ROM (com livros de imagem e histórias narradas), entre outras.



A facilidade com que os novos agentes da comunicação têm de manipular o suporte digital sugere que as instituições de ensino e os animadores culturais considerem essa nova forma de linguagem. Não pela sua presença, mas como instrumento importante e necessário ao contexto educacional e cultural.

Benjamin (1985) aponta para a invenção da imprensa como sendo o fator responsável pelo “declínio da narração”. Seguindo esse pensamento, considera que a narração de histórias está com os dias contados, pois as informações veiculadas pelos meios de comunicação atrelados ao avanço da tecnologia se encarregariam de extinguir a força da narração.

Conforme Benjamin (1985), a cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. De acordo com o autor, “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1985: 203).

A perspectiva de Benjamin (1985), ao concluir que a arte narrativa é rara e que está “em vias de extinção” devido à difusão da informação, parece não se confirmar de modo absoluto atualmente, conforme exemplos de animadores culturais contemporâneos.

A tradição oral está se atualizando através do corpo e voz de novos contadores de histórias. O Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – da Universidade de Passo Fundo realiza práticas leitoras voltadas aos alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, valendo-se da linguagem oral através da contação de histórias para estimular a leitura de forma multimídia, promovendo vivências em mundos de encantamento, mediadas pela interação entre narradores e ouvintes. Conforme Rosing, Leite e Nickhorn (2010: 10):

Muitas vezes, o contador assume o papel dos personagens criando novas possibilidades de contar a história e de interagir com os pequenos espectadores. Essa experiência propicia um jogo de faz-de-conta, no qual os alunos protagonizam cada personagem através do mundo simbólico que recriam a partir da narrativa.

O contador de histórias<sup>1</sup> que utiliza o corpo, o gesto, a voz e diferentes mídias, aventura-se pelo mundo da interação que dá concretude a sua performance, a qual sempre reserva surpresas tanto para quem conta e encanta quanto para quem está na plateia.

O Bando de Letras, um grupo de acadêmicos da Universidade de Passo Fundo, criado inicialmente com objetivo de incentivar o gosto pela leitura e para socializar experiências das leituras literárias realizadas nas aulas de literatura, é também um dos

---

<sup>1</sup> No Mundo da Leitura, os textos são narrados pelo contador, que vai interagindo com as imagens do livro projetadas na tela.

exemplos de contadores de histórias que, mesmo num tempo marcado pelo avanço da tecnologia, permanecem encantando plateias recitando belos poemas e recontando narrativas escritas, tanto em espaços escolarizados como não escolarizados. A cada ano o grupo se renova, invadindo diferentes espaços da sociedade, de acordo com a afirmação de Weschenfelder e Burlamaque:

Sabem os componentes do Bando de Letras que os tempos agora são outros, com aviões a jato, foguetes interplanetários, trens – bala, navios de propulsão nuclear, telefones celulares, televisão a cabo e digital, fax, arranha-céus, computadores, internet, e – books e infinitos outros recursos tecnológicos. Apesar desses avanços, no entanto, a voz da narrativa presencial do Bando de Letras não perdeu sua importância, tanto que cada vez mais suas histórias continuam sendo contadas nas emissoras de rádio e televisão, nas salas de aula, nos leitos de hospitais, nas bibliotecas, nas praças da cidade, nas livrarias, nos sindicatos, nas igrejas e nas ONGs (WESCHENFELDER; BURLAMAQUE, 2009: 130).

Os contadores de histórias contemporâneos rompem com o paradigma do qual a narrativa presencial, segundo Benjamin (1985) está se extinguindo e que a figura do narrador “só se torna plenamente tangível” (BENJAMIN, 1985: 198) se estiverem presentes a imagem do camponês sedentário e do marinheiro comerciante. Nessa ótica, Busatto (2006: 25) nos remete à seguinte ideia: o contador de histórias tradicional e o contemporâneo convivem no mesmo espaço e uma das nuances desse último é transformar a narração oral numa “oratura”<sup>2</sup>, sendo que o contador de histórias é marcado por tempos e contextos distintos. Experiências como essa vivida pelo Bando de Letras mostram que o contador de histórias se mantém vivo, desafiando as novas tecnologias e apropriando-se delas.

Nas palavras de Busatto (2006: 29), “o contador de histórias encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias” fazendo dessa arte, também, sua profissão. Frequenta encontros de narração oral buscando novidades na área, se prepara para a apresentação ajustando-se ao espaço físico e a um público específico.

A narração oral está atrelada ao contexto educacional, mas ela já ocupa outros espaços, talvez nunca imaginados pelos contadores de história da antiguidade: jantares de aniversário, eventos sofisticados, encontro de amigos compõe o cenário do narrador oral contemporâneo. A função da contação de histórias pode ter se alterado com o passar dos anos, mas sua característica expressiva permanece intacta.

As marcas da oralidade sopradas pela voz do narrador, seja o da antiguidade ou o atual, continuam hipnotizando o sujeito ouvinte através da performance do contador. E o

---

<sup>2</sup> Espaço de recriação simbólica e estética, que ganha sentido como troca entre artista e público, a exemplo de outras artes, numa relação direta.

caminho, que se iniciou com os aedos, passou pelo âmbito familiar e agora chega ao ciberespaço, definido por Lévy (2000) como: “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2000: 92), no qual múltiplos sentidos são construídos.

Após momentos históricos, nos quais a oralidade e, posteriormente a escrita configuravam as bases do ensino, instaurou-se a comunicação informatizada (cibercultura), a qual gera alterações nas formas de emissão e recepção do conhecimento, o que Lévy (2000) chama de terceiro pólo do espírito humano: o pólo informático – midiático. Hoje temos jovens conectados a uma rede, dividindo um mesmo hipertexto, fator que torna primordial a valorização da inteligência coletiva. Por isso, o contador de histórias vem apropriando – se desses novos suportes digitais a fim de dar continuidade a uma das artes mais antigas que existe. Com a intervenção das novas tecnologias de entretenimento, ressignifica-se o contador de histórias e o que ele representa no âmbito educacional e social.

### **3 A formação de leitores no século XXI: o cibercontador de histórias e mediador de leitura**

Uma das frases mais pronunciadas em encontros pedagógicos destinados a discussões acerca do ensino/aprendizagem é a conhecida afirmativa de que os jovens não leem, e quando têm contato com a leitura apresentam sérias dificuldades de compreensão leitora. Por isso, a instalação de uma prática pedagógica da leitura de textos literários que desenvolva a busca do autoconhecimento e a autonomia do leitor é necessária.

Mas devemos nos questionar: a mediação de leitura deve ser exercida somente pela escola? Quem são os mediadores de leitura atualmente? Qual é o perfil do leitor em tempos de cibercultura<sup>3</sup>? Ao falarmos na formação de leitores no século XXI, pressupõe-se um perfil de leitor a ser considerado nesse processo. Santaella (2007) descreve o perfil cognitivo do leitor imersivo (virtual) destacando que a era digital traz um modo inteiramente novo de ler, distinto do leitor contemplativo da linguagem impressa:

Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode contar uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, o que se tem aí é um universo novo [...] uma biblioteca virtual, mas que

---

<sup>3</sup> Como explica Lévy (2000), cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

funciona como promessa eterna de se tornar real a cada: “clique” do *mouse* (SANTAELLA, 2007: 33).

Não podemos menosprezar o fato de os jovens estarem conectados a internet realizando vários tipos de leituras a luz da tela do computador. Por isso, cabe a nós mediadores de leitura, possibilitar experiências de aprendizagem que levem em conta esse leitor virtual, a fim de fornecer a ele as mais variadas e diferentes linguagens.

Nesse momento, vamos nos ater aos cibercontadores de história, que incorporando os recursos disponibilizados pelas novas tecnologias de entretenimento, narram, a viva voz, histórias para um grupo de pessoas, transmitindo-lhes diversão, emoção e conhecimento; utilizam em sua performance, som, imagem e a própria voz para dar vida ao texto na tela do computador. Narrando histórias em diferentes âmbitos da sociedade, o contador de histórias contemporâneo evidencia, com sua experiência de narrador, que a mediação de leitura tornou-se uma função social com vistas a promover a cidadania.

A formação do leitor deve ser pensada desde a infância. De acordo com Weschenfelder (2005), “pesquisas sérias também mostram que o prazer de ler se estabelece desde a mais tenra idade, quando as crianças se familiarizam com narrativas lidas diretamente dos livros, ou contadas na sua fidelidade [...] as histórias ouvidas movem emoções...” (WESCHENFELDER, 2005: 121-122). Crianças, jovens e adultos, quando escutam histórias tendem a vivenciar o enredo, incorporando a figura das personagens. Através do estímulo da imaginação, interpretam mentalmente o que ouvem, realizam trocas de vivências e saberes de forma lúdica.

A arte de contar histórias induz os ouvintes a enfrentar seus erros e a compreender seus próprios sentimentos. Em vista disso, a formação do leitor deve ser pensada com base na sua relação com os aspectos culturais, ou seja, com os valores que lhe serve como referência. Para tanto, “o contador de histórias deve ser um artífice da palavra falada, de modo a assegurar à ação artística uma eficiente comunicação” (WESCHENFELDER; BURLAMAQUE, 2009: 135).

Nas últimas décadas, raras são as pessoas que tiveram a experiência com os gestos e as vozes contagiadas de um contador presencial de histórias. Tais oportunidades de experiência lúdica contribuem efetivamente para a ampliação do universo simbólico do mundo e para a aquisição do gosto pela leitura. Em tempos de cibercultura os contadores de história são artistas mediadores de leitura, pois estabelecem pontes que aproximam ainda mais os leitores dos livros, promovendo o conhecimento mediante o estímulo da fantasia.

Sabemos que os jovens conectados a internet não pertencem mais ao mundo de transmissão de conhecimentos e sim, a um espaço envolvido pela interatividade digital. É com esse objetivo de formar leitores do século XXI, que a arte de contar histórias está renascendo por toda a parte, possibilitando o resgate da narração oral presencial atrelando-a as novas tecnologias, constituindo-se como a ante-sala do gosto pela leitura e pela escrita.

Mas, não importa o suporte, não importa o local: se junto ao fogo, ao redor da cama ou na frente de um computador. O que envolve mesmo é uma história bem narrada. E a arte de contar histórias tem a particularidade de se adaptar ao tempo presente, por meio da voz do cibercontador, para nos fazer sonhar mais uma vez, mesmo que seja em frente ao computador.

### **Considerações finais**

Ao propormos algumas reflexões sobre a contação de história como arte performática, atrelada à era digital, acreditamos que essa é um veículo de comunicação entre os possíveis leitores, que estimula o gosto pela leitura e aproxima narradores e ouvintes através de experiências lúdicas com a narrativa oral presencial.

Podemos afirmar, com absoluta certeza, que o avanço da tecnologia e a velocidade das telas virtuais jamais substituirão “a candura da voz, o olhar transfigurado, o jeito meigo e a paciência dos contadores de histórias e recitadores de poemas no momento em que presentificam as polifônicas vozes contidas no saber dos homens, no saber da vida e no saber dos livros” (WESCHENFELDER; BURLAMAQUE, 2009: 135).

É nessa era digital que o recurso artístico da narração vai permanecer entre nós, encontrando na voz seu principal objeto, como foi outrora, para os contadores de histórias da antiguidade ou para os animadores culturais do século XXI. Felizmente agora, professores, pais, artistas anônimos, líderes comunitários e animadores culturais estão voltando a contar histórias, procurando diminuir a distância entre o livro e seus possíveis leitores.

Sabemos que os tempos agora são outros, com computadores de última geração, internet, televisão digital e vários outros recursos tecnológicos. Apesar desses avanços da modernidade, a voz da narrativa presencial não perdeu sua importância, tanto isso é verdade, que cada vez mais os contadores de histórias se fazem presentes em emissoras de rádio e televisão, nas salas de aula, nos leitos de hospitais, nas bibliotecas, nas praças da cidade, nas igrejas e nas ONGs.

Pelo contrário, constituem as antessalas para o maravilhoso mundo das letras, incentivando o gosto pela leitura e pela escrita através do estímulo da imaginação dos

ouvintes. As histórias estão aí, disponíveis em diferentes suportes, a espera de um cibercontador para torná-las matéria viva, não sobrepondo o lúdico em detrimento do tecnológico, mas integrando-os por meio da fantasia, do poético e do simbólico.

A arte de contar histórias, portanto, está renascendo das cinzas por toda parte, não como teatralização, mas como a antessala do lúdico, da emoção sadia e da construção do conhecimento, capaz de estabelecer nos possíveis leitores a descoberta do mundo. Por isso, os contadores de histórias contemporâneos, durante o ato performático, conseguem suscitar encantos e construir pontes entre livros e leitores.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BÍBLIA, Bíblia Sagrada. *O novo testamento*. Disponível em: <<http://biblia.com.br/>>. Acesso em: 07. fev. 2012.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DANTAS, Hosaná. *A arte de contar histórias: espaços de encantamento e desenvolvimento de pessoas*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/50652080/ESPACOS-DE-ENCANTAMENTO>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: ed. 34, 2000.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; LEITE, Eliana; NICKHORN, Mateus Mattielo. *Práticas leitoras 2010: Quem conta encanta*. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. *Jornal do Centro de Referência de Literatura e Multimeios- Mundo da Leitura- Ano XXI- 20*. ed. Passo Fundo: UPF, 2010.

SISTO, Celso. *O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê)*. In: GIRARDELO, Gilka (org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.

\_\_\_\_\_. Contando a gente acredita. In:\_\_\_\_\_. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias* (2ª ed. revista e ampliada). Curitiba: Positivo, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

WESCHENFERDER, Eládio Vilmar; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Bando de Letras: nem camponeses, nem marinheiros*. In:\_\_\_\_\_. *Leitura dos espaços e espaços da leitura*. Passo Fundo: UPF, 2009.

WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. *Leitura em tempos de cibercultura*. In:\_\_\_\_\_. *Práticas leitoras para uma cibercivilização: vivências interdisciplinares e multimídiais de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2009.

\_\_\_\_\_. *Contar histórias: vozes contagiantes da narrativa presencial*. In:\_\_\_\_\_. *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: UPF, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.